

EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE: CONSTRUINDO UM ESPAÇO ESCOLAR DE RESPEITO AO PRÓXIMO¹

Autor: João da Conceição Silva¹
Universidade Federal do Maranhão, jcs_cdd16@hotmail.com

Co-autora: Camila Ramos Santos²
Universidade Federal do Maranhão, camilaramossantos@outlook.com

Orientador: Prof. Dr. Ramon Luis de Santana Alcântara
Universidade Federal do Maranhão, ramon.lsa@ufma.br

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as observações de campo em uma escola Estadual, situada em Grajaú-MA, afim de investigar como nossos alunos estão se comportando diante da diversidade étnica-racial, de gênero e sexual. Tendo como fundamentação teórica em Lima (2012), Bello e Luzzi (2009), Borges (2010), Gomes (1999), entre outros. Diante da pesquisa, constatou-se que crianças e adolescentes possuem raízes preconceituosas advinda do seio familiar, onde agridem verbalmente, demonstrando preconceito, intolerância e visão etnocêntrica em relação a indivíduos que fazem parte de culturas diferenciadas dos agressores, expondo este tipo de comportamento dentro do espaço escolar. Sendo assim, precisamos que a escola juntamente com a família aja urgentemente, para esclarecer esse olhar colonial que historicamente foi enraizado em nossa sociedade. A partir do momento que houver uma transformação significativa no pensar e agir dessas crianças e adolescente, poderemos ter a expectativa de um futuro de respeito e liberdade de expressão para todos.

Palavras-Chave: Educação. Cultura. Diversidade.

INTRODUÇÃO

É notório dizer que na história da humanidade sempre houve formas de diferenciação entre os indivíduos, seja esta religiosa, étnica, racial, econômica, em relação ao gênero, orientação sexual e, entre outros aspectos que caracterize uma posição contrária à massa dominante. Contudo, a partir do século XX, inicia estudos voltados para esta temática e, atualmente, percebe-se um grande leque de pesquisas voltados para a compreensão do indivíduo como ser único em suas diferenças, mas igualmente ao outro em suas obrigações como ser vivente, pensante e pertencente a uma sociedade politizada, tendo seus direitos e deveres iguais. Partindo desta afirmativa, este trabalho objetiva a transfiguração da observação comportamental de crianças e adolescentes, em uma Escola Estadual² estabelecida na cidade de Grajaú-MA. O município se encontra situado no centro-sul maranhense, onde segundo o IBGE (2010) possui uma população de 62.093 habitantes,

¹ Trabalho oriundo de pesquisa de campo.

entre estes, encontramos um número significativo de quilombolas e índios, enriquecendo ainda mais o contexto histórico-cultural de Grajaú.

A partir deste objetivo, este trabalho se fundamenta teoricamente em Lima (2012), Bello e Luzzi (2009), Borges (2010), Gomes (1999), entre outros, buscando compreender os resultados da observação e como influencia na população jovem de Grajaú, pois, cotidianamente se observa na essência deste município, questões de preconceitos étnico-raciais e uma forte imposição cultural entre a sociedade ocidental e a população indígena presente na cidade e em seus arredores. No período da observação, notou-se também, comportamentos machistas relacionados à mulher e a orientação sexual de outros indivíduos, se agregando a esta discussão como outro ponto a ser abordado, uma vez que, no contexto escolar analisado, muitos adolescentes demonstraram possuir raízes arcaicas que enaltecem a virilidade masculina, inferiorizando o papel e lugar da mulher na sociedade e ainda, desrespeitando a diversidade e orientação sexual do próximo. Atitudes como estas, nos evidenciam a grande importância de uma educação para a diversidade que trabalhe o respeito às diferenças, para que nossas crianças e adolescentes se desvincule de pensamentos empobrecedores que no decorrer da história foram enraizados em nossa sociedade.

Por meio da pesquisa, observou-se dentro do contexto da escola, dois tipos de preconceitos que predominavam entre as crianças e adolescentes, o étnico-racial e o de gênero e orientação sexual, encontrou-se nestes, percentuais distintos ao analisarmos os dois enfoques separadamente, onde abordaremos posteriormente.

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

Por conta de seu contato com os índios pertencentes a etnia Tentehar e com os quilombolas, e fatos históricos que vinculam a presença destes, Grajaú se torna guardião de uma riqueza cultura exuberante, contudo, sua população ainda não conseguiu se desvincular de pensamentos colonizadores, conservando visões estereotipadas em relação a indivíduos que historicamente são tidos como inferiorizados, perpassando para as novas gerações o mesmo modo de olhar e pensar. Assim, a escola se torna o principal meio de transmissão de conhecimento e desmistificação de pensamentos errôneos a respeito da pluralidade étnica e racial. Segundo Borges (2010, p. 76) “o sistema educacional brasileiro não contempla nossa herança cultural, formada a

² Optou-se por ocultar o nome da Escola, por motivos éticos e profissionais, afim de preservar a identidade dos docentes, alunos e demais funcionários.

partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas. Os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da História de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos”.

Mesmo após oito (08) anos da promulgação da lei 11.645/08, onde inclui o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, ainda possuímos um ensino colonial, pois não há uma preocupação por partes dos professores e escola em geral, em transmitirem conhecimentos e discussões sobre a diversidade étnico-racial que se encontra presente no município de Grajaú. Por conseguinte, influencia diretamente na forma dos educandos pensarem e interagirem com o próximo, seguindo com uma mentalidade alienada e entorpecida por pré-conceitos advindo de histórias e de conceitos pré-estabelecidos e perpassados do seio familiar.

No campo de pesquisa se observou um total de 60 alunos (meninos, meninas e homossexuais), onde por meio de um diálogo informal com os mesmos, encontrou-se disseminados em aproximadamente 40% das crianças e adolescentes, quanto a diversidade étnico-racial, uma visão colonial, onde há julgamentos e diferenciações de um indivíduo por conta de sua cor, ou por seu grupo étnico, caracterizando a exclusão dessas crianças e adolescentes de grupos sociais dentro do contexto escolar, por apresentarem algumas distinções físicas, no modo de agir, pensar ou falar. Como Borges, Castro e Mattos (2009, p. 1241) acentuam “[...] é nesta conjuntura que o excluído é aquele que procura uma identidade aceitável frente ao jogo de tensão existente entre a exclusão e inclusão”, esta afirmativa se comprova ao olharmos para os alunos indígenas que migram de suas aldeias para a cidade, se deparando com olhares etnocêntricos³, de julgamentos relacionadas à suas atitudes e a sua linguagem, levando estes índios a se autoexcluírem⁴ do convívio de outros alunos, sendo a fala um dos principais agentes. Diante disto, observou-se ainda que, alguns indígenas acabam rejeitando sua língua mãe, para obterem inclusão em grupos dentro da escola.

Diante disto, devemos pensar na educação como uma engrenagem de junção entre as duas culturas, discutindo, formando debates entre os alunos, lucidando a importância de ambas, assim compreenderão, aceitarão e respeitarão as diferenças e especificidade de cada um. Contudo, este resultado só será alcançado se a escola estiver apoiada pela família.

³ Segundo consta no Livro de Conteúdo Gênero e Diversidade na Escola (2009, p. 24) apud Lima (2012, p.35) o etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade

⁴ Torna-se importante ressaltar que não podemos generalizar o fato da autoexclusão por conta da fala indígena, uma vez que, cada cultura possui uma visão diferenciada e entre os próprios indivíduos há diferenciação no modo de pensar, agir e interagir.

IDENTIDADE DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA

As questões de gênero e diversidade sexual, atualmente são discutidas com grandes ênfases, tanto em meios tecnológicos, como em meio social. Entretanto, ainda há um longo caminho para se percorrer, uma vez que, apesar de grandes discussões que visam trabalhar este tema em salas de aula, infelizmente vemos grandes dificuldade por parte de preparo profissional de professores, para lidar com estes debates. Isto implica dizer que a escola se torna um espaço de exclusão, em alguns casos, por defenderem uma lógica hegemônica, onde grande parte de seus profissionais somente reproduzem o que determina o sistema, não aceitando a diferenciação e pluralidade entre os educandos. Levando em consideração alunos homossexuais, por conta de fatores discriminatórios e homofóbicos, levam os mesmos a abandonarem o ensino.

[...] a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil é limitador falarmos em “evasão”. No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão. (BENTO, 2008, p 129, apud BELLO& LUZZI, 2009, p. 4693)

No campo de pesquisa, se observou entre alunos heterossexuais, grande enaltecimento da virilidade masculina, tanto se tratando de inferiorizar a mulher, como também indivíduos de orientação sexual oposta, não aceitando o próximo em suas diferenças e opções. Quanto a identidade de gênero e diversidade sexual na escola, cerca de 80% dos alunos do sexo masculino observados, possuem um olhar arcaico a respeito do lugar e protagonismo da mulher na sociedade, expondo esta visão através de brincadeiras maldosas e insinuações que desvalorizam as capacidades e habilidades femininas, ressaltando também, que em alguns casos, observou-se meninas com visões machistas, onde se pontuavam como sexo frágil, definindo características de superioridade aos meninos. Este tipo de comportamento que estão engendrados no ambiente escolar e vivenciado diariamente, são precursores para formarem homem que futuramente poderão agredir mulheres e homossexuais. No caso das meninas, serão mães que criarão seus filhos com olhares machistas, perpetuando esta cultura arcaica e ultrapassada, que a mulher deve ser inferior ao homem.

No que se refere ao gênero feminino é interessante mencionarmos que a mulher no contexto social atual ainda é considerada de sexo frágil. Por isso, é perceptível o machismo presente na sociedade, que muitas pessoas ainda consideram que algumas atividades devem prevalecer tipicamente masculinas e outras femininas. O mais agravante é que essa distinção é reforçada, na maioria das vezes, pelos próprios educadores/educadoras que formam as instituições de ensino de nosso país. Portanto são esses profissionais que não devem apresentar discriminação ou preconceito, porque eles desempenham a função de agentes de transformação da sociedade para a melhoria da vida da população. (LIMA, 2012, p. 39-40).

Diante do exposto, torna-se necessário a família junto com a escola, trabalharem juntas para gerarem um ambiente de equidade, onde as diferenças de gênero e orientações sexuais sejam debatidas no contexto escolar, para que assim, nossas crianças e adolescente tenham discernimento para respeitar as escolhas e o indivíduo como ser único e capaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltando-se o olhar para o momento da observação, constatamos que o ambiente escolar, atualmente, está envolto de pensamento e atitudes que não deveriam pertencer ao século que vivemos. Torna-se necessário refletirmos sobre a escola e a diversidade, assim reconheceremos as diferenças, para respeitá-las e aceitá-las, acentuando-as na pauta das nossas exigências, na essência do processo educacional, ou seja, devemos nos posicionarmos frente a essas atitudes, para que possamos desmistificar os estereótipos formados durante a história de nossa sociedade.

A escola quanto instituição, possui uma parcela na formação dos futuros cidadãos de nossa cidade, competindo a esta, uma grande responsabilidade no desenvolvimento da criticidade e discernimento de nossos alunos, porém, sozinha não pode mudar e transformar as situações que se apresentam no ambiente de ensino, tendo que haver uma concordância e ainda ser ombreada pela família, pois no seio familiar nasce as primeiras características e demonstrações ética do indivíduo.

Segundo Gomes (2012, p. 688) “não se educa ‘para alguma coisa’, educa-se porque a educação é um direito e, como tal, deve ser garantido de forma igualitária, equânime e justa”. É fato que o preconceito, racismo, etnocentrismo, homofobia entre outros olhares de julgamentos ao próximo, não desaparecerão de imediato, entretanto, com medidas e ações que promovam a inclusão desta diversidade social que temos dentro da escola, podemos aos poucos, transformando e mostrando um novo modo de pensar e olhar para o outro.

REFERÊNCIAS

BELLO, M. C.; LUZZI, J. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: da exclusão social à afirmação de direitos.** A experiência do núcleo de gênero diversidade sexual da secretaria de estado da educação do Paraná. In: IX Congresso Nacional de Educação e III Encontro Sul Brasileiro de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 9., 2009, Paraná. Anais... Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009. p. 4692- 4705.

BORGES, L. P. C.; CASTRO, P. A.; MATTOS C. L. G. **A Diversidade Cultural e os Processos de Inclusão/Exclusão: Desafios para uma Educação de Qualidade.** In: IX Congresso Nacional de Educação e III Encontro Sul Brasileiro de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 9., 2009, Paraná. Anais... Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009. p. 1239-1253.

BORGES, E. M. F. **A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica.** R. Mest. Hist., Vassouras, v. 12, n. 1. p. 71-84, jan./jun., 2010. Disponível em: <http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n12010/pdf/05A_Inclusaodahistoriaculturaafro.pdf> Acesso em: 01/08/2016.

GOMES, N. L. (Org.). **Desigualdades e diversidade na educação.** Educ. Soc., Campinas-SP, v. 33, n. 120, p. 687-693, jul.-set. 2012. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 16.09.2016

LIMA, J. R. **O Desafio da Escola em Trabalhar com a Diversidade.** Revista Memento, Betim-MG, V. 3, n. 1, jan.-jul. 2012.